

HISTÓRIA DA ÁFRICA: CONSIDERANDO A LEI 10639/03, O CASO SOMALI.

Deidiane Rosolen S. Jack ¹
Daniele Cristina de Oliveira ²
Orientador: Angelo Priori

Resumo: O trabalho tem como objetivo discutir o Ensino de História da África em sala de aula. Esta atividade faz parte do PIBID de História da UEM/CRV. Para isto, estamos utilizando como referência um país do continente africano, a Somália. Ao apresentar informações sobre um determinado país, discutimos os aspectos históricos de todo o continente. A ideia é perceber como os alunos reagem sobre estas informações, observando suas opiniões e reflexões diante do tema. Por fim, estamos contribuindo para o atendimento da lei 10639/03, que definiu que conteúdos da cultura africana e da História da África devem ser trabalhados em sala de aula.

Palavras-chaves: Ensino de história da África; História Somália; Ensino. Pibid.

¹Graduanda de História na Universidade Estadual de Maringá. Bolsista PIBID.

²Graduanda de História na Universidade Estadual de Maringá. Bolsista PIBID.

Introdução/Justificativa

O presente artigo tem por finalidade apresentar o trabalho realizado através do PIBID de História da UEM/CRV sobre Ensino de História da África em sala de aula, especificamente na série do primeiro ano do ensino médio no Colégio Estadual Geremia Lunardelli. O PIBID de História da UEM/CRV teve por objetivo apresentar o continente africano aos alunos, e discutir, especificamente, o caso da Somália, abordando seus aspectos históricos, políticos e culturais. O continente africano não é somente uma localidade geográfica, mas também um rico manancial de dados históricos que proporciona aos olhos daqueles que buscam conhecer ou dos que já o conhecem um brilho de descobertas e curiosidades.

Hoje, torna-se evidente que a herança africana marcou, em maior ou menor grau, dependendo do lugar, os modos de sentir, pensar, sonhar e agir de certas nações do hemisfério ocidental. Do sul dos Estados Unidos ao norte do Brasil, passando pelo Caribe e pela costa do Pacífico, as contribuições culturais herdadas da África são visíveis por toda parte; em certos casos, chegam a constituir os fundamentos essenciais da identidade cultural de alguns dos segmentos mais importantes da população (*Amadou Mahtar M'Bow, Prefácio da primeira edição portuguesa da HGA*). (SILVÉRIO, 2013, p. 8)

Os estudantes tem interesses em buscar novas descobertas e curiosidades sobre a África, mas é preciso que o continente africano seja apresentado para despertar essa curiosidade e conseqüentemente o aprendizado sobre o mesmo, desmistificando as ideias estereotipadas sobre o continente. Por isso a lei 10639/03 foi criada objetivando fazer com que os professores trabalhem em sala de aula os conteúdos sobre a cultura africana e História da África juntamente com os alunos, que é de suma importância. Segundo Felipe e Teruya:

A história africana deve abarcar a dinâmica das sociedades africanas nos aspectos políticos, culturais e sociais, com destaque ao período que vai do século XII ao XVIII, por causa da sua incidência mais direta na sociedade brasileira. Dar ênfase à totalidade do continente, de uma experiência comum a todos os africanos, justifica-se porque a separação em partes desconexas do continente africanos tem servido às diversas manipulações de ideias racistas sobre esses povos (FELIPE; TERUYA, 2010, p. 2).

Por isso cabe aos professores trazer para dentro da sala de aula o conhecimento para os alunos sobre o Ensino de História da África. No entanto, no decorrer do artigo o entendimento da experiência do PIBID UEM/CRV com os alunos sobre conteúdo referente ao continente africano mostra uma forma de caminho para contribuir não só aos alunos, mas também para com o professor, algo novo que torna a aula mais atraente e dinâmica.

1. História, Cultura e Política da Somália

A Somália está localizada no extremo leste do continente africano, na região semiárida conhecida como Chifre da África. O país possui paisagens variadas, com regiões montanhosas ao norte, desertos e savanas na área central e uma região subtropical ao sul.

O país foi colônia dos italianos e britânicos. A partir dos anos 1960, se tornou independente, e o território que até então era separado foi unificado. Os conflitos com a Etiópia, na qual faz fronteira, geraram uma grande devastação econômica e política.

Nessa época, a Somália e a Etiópia mergulharam em um conflito desastroso. A guerra que seguiria estava fadada a custar a vida de milhares de cidadãos de ambos os países, destruindo as frágeis raízes de dois sistemas econômicos que mal começavam a funcionar (HIRSI ALI, 2012, p. 45).

Após a saída dos colonizadores ocorrem as lutas entre os clãs e com isso ocorrem atritos como à violência e a corrupção entre os clãs, e são grupos diferentes que se unem em um único território, pois com a saída dos colonizadores italianos e britânicos o território da Somália foi unificado. Neste quadro de acontecimentos emerge o caos. No entanto, quando o país era governado pelos impérios europeus havia organização política como segundo a autora Hirsi Ali afirma:

Esse novo país, a Somália, tinha democracia, presidente, bandeira, exército e até moeda própria: nota sépia com digníssimos retratos de animais domésticos e pessoas trabalhando nas plantações, [...]. Gente que sempre viveu nas profundezas das zonas rurais começou a fluir à nova capital do país, que os colonizadores batizaram Mogadíscio (HIRSI ALI, 2012, p. 25).

Siad Barré, vice comandante do exército, instaurou na década de 1960 um regime socialista e tentou organizar a economia com a ajuda da URSS, para muitos somalis isso significava passar horas em longas filas para receber quantidades limitadas de alimentos que era o básico para saciar a fome.

Siad Barré introduziu o Estado policial na Somália e tentou organizar uma pseudoeconomia. Como ele era aliado da União Soviética o país precisava se tornar comunista. Na prática [...] isso significava passar horas em uma série de longas filas, à mercê dos raios inclemente do sol de Mogadíscio, para receber quantidades limitadas de gêneros de primeira necessidade: farinha, açúcar, óleo, sorgo, arroz e feijão (HIRSI ALI, 2012, p. 32)

Siad Barré tinha proscrito o sistema de clã, e a partir disso os somalis eram todos unificados numa unificação de clãs e juntamente com a adoração a Siad Barré, que após um golpe de Estado, lançou o país em total desgoverno com mais de 20 clãs lutando armados. Atualmente o presidente da Somália é Hassan Sheikh Mohamud. A Somália tem uma porcentagem grande de pessoas que praticam o islamismo e a cultura que prevalece é em primeiro lugar a educação das crianças, pois desde pequena ensina-se a genealogia a que pertence e o alcorão é parte fundamental dos ensinamentos.

Na Somália, éramos muçumanos, mas professávamos o islamismo bem diluído, negligente nas orações regulares, mesclados com crenças antigas (HIRSI ALI, 2012 p. 49).

A mulher tem seu destino traçado para servir ao seu marido. A sua vida é direcionada a honra masculina, pois se a mesma perder a virgindade antes de se casar, ela manchará a própria honra e conseqüentemente a de seu pai, tios, irmãos e dos primos.

O primeiro é o tratamento dispensado pelo islã às mulheres. A vontade das meninas é sufocada pelo islã. Quando chega a primeira menstruação elas perdem imediatamente a voz. São criadas para serem robôs submissos que trabalham na casa como faxineiras e cozinheiras. São obrigadas a aceitar o casamento escolhido pelo pai, e depois disso suas vidas são devotadas à satisfação sexual do marido e a seguida de gestação (HIRSI ALI, 2011, p. 19)

Na Somália ocorre a purificação das meninas que é uma prática com grandes conseqüências psicológicas e físicas. O procedimento ocorre por volta dos quatro anos e com a recompensa de ser limpa e ter um casamento

honrado. A mutilação genital feminina consiste na remoção do clitóris juntamente com os pequenos lábios e paredes externas da vagina. Após esse procedimento a vulva é suturada transformando-se em uma cicatriz que será rompida pela penetração, na noite de núpcias. No entanto, Ayaan Hirsi Ali, destaca as consequências da operação. A mutilação genital de meninas é subestimada e, segundo Hirsi Ali, é uma violação dos direitos humanos e das mulheres. A prática gera complicações de saúde decorrentes do procedimento sofrida pelas mulheres, como por exemplo, o surgimento de fístulas.

O desenvolvimento dessas fístulas é comum em mulheres que têm dificuldades para dar à luz em razão da mutilação genital, uma vez que provoca o estreitamento do canal vaginal (HIRSI ALI, 2008, p. 147)

Outras complicações decorrentes da mutilação feminina estão estreitamente ligadas às complicações de parto, principalmente em mulheres primíparas. Os bebês ficam entalados no canal estreitado artificialmente, como consequência algumas morrem e outras padecem de sequelas e deficiências.

A maioria dos somalis vive da pecuária e da agricultura de subsistência que correspondem a cerca de 40% do PIB do país, dependendo dos programas de ajuda humanitária, devido às guerras e à fome que acabam criando um contexto de instabilidade econômica e política. Em consequência das guerras, conflitos internos, a Somália tem uma das mais altas taxas de mortalidade infantil do mundo e estão entre os oito países mais pobres do mundo.

Outro elemento relacionado com a instabilidade política e social na Somália está pautado nos principais aspectos do radicalismo islâmico. Um dos aspectos que contribuem para o fanatismo e fechamento da mente mulçumana está na relação de um mulçumano com Alá que se rege pelo medo.

O primeiro deste é que a relação de um mulçumano com Deus se rege pelo medo. O mulçumano possui uma concepção absoluta da divindade. Nosso Deus exige submissão total. Recompensa quem cumpre estritamente suas regras e puni cruelmente quem as transgride, tanto na terra, pela doença e desastres naturais, quanto no além, pelo fogo do inferno (HIRSI ALI, 2008, p.11).

Esses são alguns elementos de todo um conjunto de fatores que possibilitam os passos para conhecer o contexto histórico da Somália, como a política, cultura e a economia que ocorre naquele país.

2. A importância do trabalho em sala de aula com conteúdos sobre o continente africano, abordando o país Somália.

Primeiramente é de suma importância ressaltar que o propósito do PIBID, (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) é o de proporcionar uma articulação entre a educação superior com a rede de ensino pública brasileira, sendo esta municipal ou estadual.

O PIBID acelera o elo entre o futuro professor e os alunos, proporcionando ao primeiro à possibilidade de conhecer o universo escolar, suas peculiaridades, proporcionando de tal modo, uma experiência prévia, para que o futuro mestre esteja preparado e consciente da missão e dos esforços que são exigidos pelo magistério.

Diante de tal objetivo, buscamos interagir com o universo escolar, conhecendo o dia-a-dia da escola, nos adaptando e conhecendo os diversos meios para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem e observando os métodos mais adequados e produtivos para um bom desenrolar do mesmo, sendo que acompanhamos, observamos e interagimos com tal universo no Colégio Estadual Geremia Lunardelli, na cidade de Lunardelli (PR).

Até o momento buscamos trabalhar especificamente com os alunos do ensino médio noturno, sendo que estes apresentam uma peculiaridade que os distingui dos alunos no mesmo nível de ensino do período matutino, sendo este a grande evasão escolar – que é retratada no projeto político pedagógico da escola – e o fato da grande maioria dos alunos serem trabalhadores, sendo que estes dois pontos encontram-se entrelaçados, pois a evasão escolar é provocada, muitas vezes pelo cansaço que acomete tais alunos e acaba fazendo com que estes desistam da escola.

Tal problema é exposto no PPP do Colégio Estadual Geremia Lunardelli:

Os motivos desses índices estão diretamente voltados para a condição social dos alunos. Muitos alunos, principalmente

adolescentes do noturno, durante a safra afastam-se das atividades escolares afim de trabalhar nas diversas colheitas (café, maçã, algodão), visto a necessidade de trabalho. Por essa razão acabam não retornando por se sentirem inaptos a continuar com seus estudos (LUNARDELLI, 2007, p. 23).

Pelo fato de grande maioria dos alunos trabalharem torna-se necessário a adoção de uma metodologia específica que se adéque a rotina curta e agitada dos alunos-trabalhadores. Tais como atividades em sala de aula, pois as aplicações de trabalhos extraclases acabaram desestimulando ainda mais tais alunos, pois estes não possuem tempo para o desenvolvimento do mesmo. De tal modo, é necessário que o professor esteja preparado e consciente para trabalhar com tal especificidade, e saiba enxergar e atender as demandas de tais alunos. Elemento que torna o trabalho do professor ainda mais árduo, mas em contrapartida, mais gratificante.

Elemento interessante é o fato da equipe pedagógica do colégio, em junção com os professores trabalharem visando a diminuição da evasão escolar, a partir de conscientizações da importância dos estudos, não apenas para a obtenção de um diploma, mas ressaltando os impactos positivos que o conhecimento traz para os indivíduos enquanto cidadãos.

A equipe pedagógica desenvolve um trabalho com o intuito de minimizar a evasão escolar do aluno trabalhador, que coloca o trabalho como motivo de desistência. Tem-se procurado conscientizá-lo de que o Ensino Fundamental não é mera etapa dos estudos aleatórios para se conseguir um diploma e sim um importante meio de aquisição de conhecimento e experiências que o farão crescer como ser humano e como membro ativo da sociedade, iterando tais conhecimentos à sua prática (LUNARDELLI, 2007, p. 19).

Ao longo de nossa participação no colégio buscamos desenvolver diversas atividades com alunos, tais como intervenções dinâmicas ao longo das aulas de história e um projeto relacionando o cinema e a história. Sendo que nessas duas atividades buscamos trabalhar o cenário africano, pois esse é um elemento com o qual a escola está comprometida e isso pode ser percebido no PPP da mesma.

Para desenvolver a consciência política e a história da diversidade, a escola estabelecerá princípios que deverão conduzir a igualdade básica de pessoa humana como sujeito de direitos; a compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnicos raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que

em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história, garantindo a igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira (LUNARDELLI, 2007, p. 57).

Assim é possível perceber que a escola encontra-se preocupada com a promoção da igualdade racial entre seus educandos, e para tanto desenvolve atividades, interdisciplinares, com o intuito de eliminar pensamentos preconceituosos e racistas de tal ambiente, e que tal prática se dissemine pela sociedade. De tal modo, o Colégio Estadual Geremia Lunardelli encontra-se em conformidade com a lei nº 10.639 de 2003, sendo que a partir da vigência de tal lei o ensino de história e cultura afro tornou-se obrigatória nos currículos do ensino fundamental e médio.

De tal modo, buscamos trabalhar tais temas em intervenções que ocorreram ao longo das aulas de história, sendo que nestas buscamos fazer uso de linguagens alternativas de ensino, tais como vídeos e imagens, para que de tal modo a aula se tornasse mais dinâmica e prendesse a atenção dos alunos. Ao longo de nossas intervenções no colégio utilizamos como material didático: a exposição didática do tema trabalhado, kit multimídia, quadro-negro, além de fontes histórico-escolares tais como, imagens, mapas e vídeos.

Uma realidade que podemos observar é o fato de que apesar de estar previsto por lei a história da África, ainda é pouca trabalhada e discutida nos bancos escolares. Um dos pontos que percebemos é a falta de qualificação dos professores, pois como ensinar aquilo que não se conhece?

Durante a graduação são poucos os que recebem instrução para trabalhar com tais temas sendo que muitas informações ainda estão impregnadas com estereótipos, pois muitas vezes a história da África acaba sendo negligenciada nas universidades. Além do mais, os livros didáticos, em sua maioria, ainda não reservam espaço adequado para trabalhar a história africana, fato que acaba colaborando para que os alunos construam uma imagem baseada em estereótipos reverentes a África e sua população.

De tal modo, no primeiro contato que tivemos com a turma procuramos nos interar das impressões e conhecimentos que possuíam a cerca da história da África. E sempre, sem exceções, as respostas faziam alusão à fome, miséria, morte, tristeza, desespero. Algumas vezes também recebemos

resposta caracterizando a África como região sem aspectos políticos e hierárquicos antes da chegada dos europeus a tal continente.

Em outros momentos os alunos descrevem a África como um único país e não como um continente repleto de diversidade. Um ponto que nos chamou muita atenção refere-se ao fato dos alunos desconhecerem a localização do continente africano e os países que o constituem.

Diante de tais constatações buscamos apresentar aos alunos elementos que aos poucos fossem desconstruindo a imagem estereotipada que possuíam em relação ao continente africano. Em um primeiro momento, buscamos apresentar a África segundo seus limites geográficos e fronteiriços, aspectos com os quais os alunos revelaram-se surpresos, pois muitos deles não sabiam, por exemplo, que o Egito estava localizado na África.

Desse modo a partir de tal elemento buscamos ressaltar a importância da África enquanto berço da humanidade, destacando também a grandiosidade arquitetônica egípcia, fato que surpreendeu ainda mais os alunos.

Ainda no decorrer das intervenções buscamos apresentar as belezas naturais da África, com o intuito de desmistificar a ideia de região totalmente devastada pela pobreza. Buscamos apresentar as savanas e suas características a partir do uso de imagens para que os alunos pudessem de tal modo, contemplar as belezas naturais que compõem tal região.

Também buscamos apresentar um pouco a respeito da cultura africana, tentando de certo modo desmistificar os preconceitos existentes em torno da religião africana e seus deuses. Demos espaço também para as danças, destacando todo o colorido, beleza e alegria que ela proporciona ao povo.

Não trabalhamos apenas esses aspectos, buscamos destacar também elementos ligados a história dos países africanos. Até o momento trabalhamos com a história da Somália, sendo que em tal contexto buscamos destacar a colonização efetivada por italianos e ingleses, buscando ressaltar os pros e contras que tal colonização provocou no país.

Entre os aspectos negativos da colonização destacamos os confrontos e invasões que ocorreram na Somália durante a segunda guerra mundial, já que Itália e Inglaterra eram rivais em tal contexto. Destacando ainda as hostilidades que foi se constituindo ao longo do tempo após a unificação da Somália devido às fronteiras que haviam sido deliberadamente estipuladas pelos europeus e

que acabou criando duas culturas distintas dentro de um mesmo país, fato que colaborou para a criação de ódio entre norte e sul do país.

Dentre os fatos positivos, destacamos o grande desenvolvimento que a Somália Italiana passou uma década antes de sua independência, sendo tal desenvolvimento efetivado tanto na área educacional como também relacionado à infraestrutura do país.

Buscamos também trabalhar temas relacionados à política na Somália, tais como a ditadura instaurada por Mohamed Siade Barré, após um golpe de estado, e a guerra civil que se instaurou no país após sua queda, estimulada pelas disputas de poder entre os clãs rivais do país.

De tal modo, até o momento foram estes os temas tratados nas intervenções, sendo que tais atividades continuam sendo desenvolvidas no colégio, juntamente com outras que não foram destacadas ao longo desse artigo. Em nossa estadia no colégio buscamos desenvolver o melhor trabalho possível, dentro de nossas possibilidades. Buscamos desmistificar os estereótipos impostos a África e ao seu povo. Mas também não pretendemos apresentar uma utopia, desenvolvemos um trabalho com o intuito de repassar um pouco daquilo que conhecemos de dever esse que pretendemos exercer em nossas carreiras como professores.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto neste artigo, fica evidente que o trabalho sobre o continente africano, e mais especificamente sobre a Somália, apresentado na sala de aula para os alunos, mostra a importância e relevância do conhecimento sobre o tema. A aprendizagem está caminhando juntamente com novas formas de transmitir aos alunos o conhecimento, e com os conteúdos sobre a África não é diferente. O que se precisa ainda é desmistificar os estereótipos sobre o continente. Para isso o trabalho docente é fundamental. E colocar em prática os preceitos da Lei 10.639/2003 já é um grande passo.

Referências

HIRSI ALI, Ayaan. **A virgem na Jaula: um apelo à razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____, Ayaan. **Nômade: do Islã para a América**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____, Ayaan. **Infiel: a história de uma mulher que desafiou o Islã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LUNARDELLI. Colegio Estadual Geremia Lunardelli EFMN. **Projeto Político Pedagógico**. Lunardelli: [s. n.], 2007.

FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. **Ensino da História e Cultura Africana em salas de aula brasileira**. 2010.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX**. / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Cristina Corina Rocha e Muryatan Santana Barbosa. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.